

MAURICE SANDOZ

RECORDAÇÕES  
FANTÁSTICAS  
E TRÊS HISTÓRIAS  
SINGULARES

Tradução do francês (Suíça) por  
MANUEL DELFIM

Ilustrações originais de  
SALVADOR DALI

LIVRO **B**

## ÍNDICE GERAL

<i>Prefácio</i> .....	7
A Avó Gladys.....	9
O Álbum das Páginas Macias.....	13
Um Crime ao Retardador .....	17
A Dama do Ramalhete de Centáureas .....	23
O Poeta .....	37
As Muletas do Tio Celestino .....	47
Desconfianças .....	53
Na Alfândega Espanhola .....	61
Amigos.....	69
Recordação de D'Hamam Meskoutine .....	79
A Mão Peluda .....	85
Cúmplice .....	91
No Cemitério de Scutari .....	101
Uma Aparição .....	109
A Visitação .....	115
A Ilha Encantada.....	123
A Pedra Inclinada.....	143
Os Borguinhões Ressuscitam (Prólogo) .....	157

## UM CRIME AO RETARDADOR

Visto ter acabado de evocar a imagem de meu pai, afigura-se-me natural intercalar aqui a história de um acontecimento em que ele se viu envolvido e que impressionou muito vivamente meus irmãos. Mas como meus pais temiam, e com razão, o efeito de certas narrativas sobre a imaginação de uma criança impressionável e sensível em extremo, só muito mais tarde é que fui informado disso.

Passou-se o caso durante o Outono de 1897. Enquanto acabávamos, minha mãe e eu, uma vilegiatura nas margens do lago de Constança, meu pai convidou alguns amigos da Alsácia, caçadores como ele, para um almoço na casa da avó Gladys.

Faço ideia de que as histórias de caça abreviaram o tempo e prolongaram o repasto. Às três da tarde ainda se não tinham levantado da mesa e como um dos convivas começou a gabar, com competência de conhecedor, as célebres aguardentes do seu país, meu pai não o julgou indigno de provar certa aguardente branca de Borgonha que ele só oferecia aos iniciados. Mandou então à adega uma jovem criada de quarto, Margarida, encarregada do serviço da mesa, recomendando-lhe que trouxesse «uma das três garrafas sem rótulo que ela

encontra juntas, ao canto do lado esquerdo da adega, à esquerda da porta de entrada».

Cito textualmente as palavras proferidas, e que eu acabo de reler nos «Anais do Tribunal de Polícia do Cantão de Turgóvia». A rapariga obedeceu. Daí a boca-do, como ela não aparecia, foi o meu irmão mais velho mandado procurá-la. Também não voltou.

A impaciência de meu pai passou a inquietação. Pediu aos amigos que o desculpassem, por um momento, e desceu, por sua vez, à cave.

Novamente alguns minutos decorreram. E os convidados, inquietos por sua vez também, preparavam-se para se juntar ao seu anfitrião, quando ouviram passos subir pesadamente a escada da adega. Abriu-se uma porta que se não voltou a fechar, como se as mãos de quem acabava de entrar se encontrassem embaraçadas por um fardo excessivamente pesado. Ouviu-se então um ruído, mais próximo, o som cavo de um corpo colocado sobre o divã do vestíbulo, e, de repente, gritos agudos, os gritos de uma mulher a contas com um ataque de nervos. Pela janela, avistou-se meu irmão, sem chapéu, a atravessar o jardim a correr e chegar à rua. Por fim, meu pai entrou, pálido e vivamente emocionado. Tinha mandado o filho ao posto de Polícia mais próximo: um crime horroroso, dizia ele, acabava de ser praticado na cave da nossa casa. E contou o seguinte:

Ao entrar na adega, tinha ele entrevisto, à luz de um pavio, seu filho mais velho esforçando-se por levantar Margarida, caída no chão. Meu pai compreendeu que se tratava de um desmaio e imediatamente viu qual era a causa. Por detrás da garrafa bojuda que a criada tinha deslocado, havia, pousada no chão e ao alcance da mão, uma cabeça de homem cortada de fresco.



E durante o relato, Margarida afirmava, entre gritos e soluços, que ela tinha reconhecido a cabeça do carteiro que servia o nosso bairro.

— Como querem os senhores que eu o não reconheça! — gemia ela, bastante desastradamente, aliás.

A Polícia apresentou-se, na pessoa do senhor Juiz de Instrução, ladeado de dois robustos latagões que pareciam não ter vontade nenhuma de descer à cave. Não tiveram remédio, no entanto, senão de seguir o juiz, que para lá se encaminhou.

Sem hesitar, o juiz agarrou na cabeça, apalpou-a, cheirou-a, trouxe-a para a luz do dia, e, perplexo, coçou demoradamente os seus próprios cabelos.

De súbito, tornou a apalpar os olhos do morto. Bateu-lhes com o indicador e em seguida... largou a rir, perdidamente.

Todos os assistentes, consternados, olhavam para ele, trocando depois olhares inquietos. Teria o juiz perdido a razão?

— Uma peça anatômica — exclamou ele por fim, entre dois frouxos de riso —, é admirável, mas reparem, tem olhos artificiais, olhos de vidro!

Tudo se explicou: um novo troféu atestava vitoriosamente a ciência do marido da avó Gladys.

Com uma habilidade que os actuais embalsamadores lhe invejariam, ele conseguira, conservando-lhe a flacidez da vida, tornar incorruptível a cabeça de um pobre morto. Conserva-se como uma preciosidade no museu de Medicina de uma das nossas universidades da Suíça francesa. Ainda hoje se lhe podem beliscar as faces e afastar os lábios pálidos. Só os olhos é que tinham perdido o brilho, e foi por isso que o estranho médico se tinha resolvido a substituí-los por olhos de vidro.

Depois, não sabendo que fazer a um objecto tão incómodo e que ele julgava, com razão, demasiado próprio